



LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO II

Nº 07

JAN/FEV-1993

EDITORIAL

Ao longo de nossa caminhada para cumprir a promessa feita, ao lançarmos a segunda fase destas "LETRAS ACADÊMICAS", temos encontrado força e coragem para a realização da tarefa cultural inerente a uma Academia de Letras. Nossa preocupação maior tem sido, unindo o passado que se foi nas brumas etárias, ao presente que nos ilumina o espírito, rememorar as figuras ilustres que ornaram, com a fulgurância de seu saber às poltronas acadêmicas. E para isso alcançar, temos republicado algumas de suas produções literárias, congeminando-as com as eloquentes expansões dos mais novos, quer no campo da palavra escrita, quer na exteriorização poética de seres privilegiados, que derramam, às escâncaras, a sensibilidade poemética de seus labores anímicos.

Não me cabe a mim, pobre que sou, fazer obra de ceifeiro pois, em realidade, nada mais faço senão esmerilhar, dentro de meu quadro intelectual, algumas facetas, brilhantes todas, dos que, na trajetória luminosa de sua passagem pelos trigais da existência humana, deixaram expluir em torrentes de lava incandescente, emanadas do vulcão de suas cerebrações, têm prodigalizado, como nababos, as iguarias cintilantes da alma superior que lhes orientou e que têm alimentado, no que foi e no que é, postas à mesa para a saciedade de quem cultiva a arte literária. Quem não conheceu, ouviu ou sentiu a eloquência de Adriano Jorge, a expressão firme e bela de José Chevallier, a sensibilidade de Genesino Braga, o estro poético de Jorge Tufic e Max Carpentier, a bagagem cultural de Ulysses Bittencourt e a sonoridade astral de Thiago de Mello? Tanta beleza, tanta clareza intelectual, tudo reunido neste número.

Em nossa vida, inçada de mágoas e desenganos, surge de quando em vez um instante de luz a clarificar nossas noites de tristeza e pesar. Por isso, sinto-me bem em cultivar os que se foram e que deixaram conosco a marca de suas vidas, como ao mesmo passo ofereço aos da minha geração, o presente que o passado nos deu, como forma de traduzir nossa admiração pelo que fizeram e têm feito pela literatura amazonense.

OYAMA ITUASSÚ

Adriano Jorge

Na hora que passa - vertiginosa e turbilhante - o homem de governo tem de ser para além do impreciso das ideologias, um herói da Ação.

Os hesitantes abalroarão na falência de si próprios..

Dentro do âmbito, distenso até ao infinito, deste conceito - Ação - cabem, porém, desgraçadamente, não só as energias syntonizadas com a alma colectiva para os grandes benefícios immortalizadores, senão também os desvairos, com que se vão assinalando, lá no ennevoado dos pincaros do poder, certos temperamentos descontrolados por força das falhas, escancaradas em hiatos, de sua capacidade de auto-critica.

O Amazonas, locupletando-se nas reservas da felicidade, que ainda sobrepaira à consternadora, angustiada espectiva dos brasileiros de hoje, ampliou o seu patrimonio de alegria cívica, incorporando aos seus destinos historicos esta personalidade singular: - Nelson de Mello.

Homem de governo, vibrando no seu dynamismo polyedrico e por isso mesmo capaz de enfrentar tudo com o garbo sereno dos que se habituaram ás influencias dos magnetismos do triumpho, o ultimo interventor no Amazonas realizou um programa luminosamente fecundo, dentro do qual couberam as preocupações administrativas geraes, as financeiras, as politicas, as pedagogicas, as hygienicas, as intellectuaes, as moraes, as estheticas, outros tantos problemas complexos e subtis, que a argucia resoluta do homem de ação, o espirito de justiça do aristocrata mental e a firme bôa-vontade do patriota concretizaram no monumento imperecível que foi a sua obra de administrador, nimbada de uma fulguração de beleza integral. A Academia Amazonense de Letras, que vive hoje dentro dessa irradiação e que, para sua propria gloria immarcescível, fez de Nelson de Mello o seu presidente de honra, num preito commovido de sua gratidão, que é immensa, e de sua administração que é ainda maior, ergue todas as preces auguraes de seu espirito pela persistencia da ventura cívica do Amazonas, a que o Grande Interventor deu o resplandecente relêvo de sua nobreza, de seu espirito de justiça e de sua bondade infinita.

ADRIANO JORGE



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
**ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS**

DIRETORIA

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysóstomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral:

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto:

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro:

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Secretária Executiva:

Rosângela Oliveira

Revisor: José Ribamar do Nascimento Araújo

Impressão: Gráfica da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas.

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092P) 234-0584
CEP: 69.025-010
Manaus - Amazonas - Brasil

Danae e a Chuva do Ouro

Genesino Braga

"Se eu não fôsse mais do que essa imagem sem memória,
Ó teu desejo informe a acordaria
E a tua virtude - Danae sob a chuva de ouro - Floresceria de
delícia sem culpa
No grande pecado redimido pela minha consciência de ser o
amor de teu amor".

(Felipe d'Oliveira - "O amor que move o sol")

Era uma vez linda princesa...
A lenda é meiga, ingênua e doce...
... e meiga ingênua e doce era a melflua Danae, filha
única de Acrísio, Rei de Argos, vivendo em sonhos a existência
que os deuses bons lhe conferiam.

Num promontório sôbre o Inacos, - o rio das fábulas
dormidas - a virgem hauria os bens da vida, tinha a seu pés os
rapsados, tinha as suas mãos fadas benignas... Nobre e sensí-
vel castelã, de suas janelas ogivais olhava os pássaros alados,
ouvia cítaras plangentes, ouvia épicos heróicos, que os ventos
sísmicos das Cícladas traziam, em músicas vibráteis, a seus
anímicos cismares...

Danae sorria e era feliz...

Seu negro olhar de noite flébil pousava brando nas pai-
sagens que os nobres muros do castelo ríspidamente circun-
davam. Seus lábios doces só se abriam para as balbúcies
pueris. Vênus de corpo escultural, sangue sem apelos nem
desejos, não tinha ardor no coração. Não tinha Príncipe En-
cantado, não tinha anseios de noivado, não tinha dor, não ti-
nha amor...

II

Danae era um sôpro de blandícia...

Danae era a paz da Criação...

Um dia, oráculo ardiloso, - prossegue o lúcido conto
- ao Rei prediz: morte inópina, às mãos de um neto, êle
teria, em dia infausto do porvir...

O Rei medita e pensa em Danae, a linda e fúlgere prince-
sa, a virgem e casta flor do Reino, a filha amada...

Mas, rei é rei, e a vida augusta, a realeza e o trono invicto
devem ser logo preservados...

Tôda de bronze, exposta aos ventos, ereta, altíssima,
imponente, a torre-cárcere se ergueu no promontório sôbre o
golfo de ondas mansas, fugidias... Mandara o Rei edificá-la pa-
ra encofrar a castidade da meiga e cândida princesa... Bem al-
to, em cela luxuosa, entre janelas gradeadas, no extremo andar
da torre eril, a moça penitenciava a inibição de amor provável e
de pecado original...

O velho eunuco-carcereiro trazia-lhe flores e frugais, con-
tava lendas melancólicas de rapsodos passionais...

Danae, em seus pérfidos designios, - flor de inocência e
de indulgência! - cumpria sem máguas seu fadário...

Danae, em silêncio, meditava, fitando o muito azul do
céu, errando em sonhos e quimeras, pedindo aos deuses pro-
teção... Recorda Zeus em seus noivados, pensa em Semele

fecundada, pensa em Latona, mãe de Apolo, pensa em Diana,
Cérse, Io, em Mnemosina, em Alemena...

Virá do Olimpo a redenção!...

III

Eis que, em noite silenciosa, de ventos calmos, sem fra-
gor, de pulcra ronda sideral, estranha chuva a tôrre envolve... É
chuva de ouro, luzidia, de ténues fios aurifulgentes, joiando o
âmago da noite, doirando o céu, doirando o ar...

Os fios luzentes, insolentes, penetram as grades da
prisão e caem em volúpia sôbre a virgem no leito, esplêndida,
a dormir...

Compreensão... Revelação...

É Zeus, na sua metamorfose, divinamente enamorado,
que, em seu poder da encantação, em ouro todo transformado,
a bela moça enlaça e ameiga, em posse olímpica e sensual!...

Danae é o abandono sensorial, em seu estado de doçu-
ra, entregue ao ímpeto do deus, na graça íntima do amor...

Fecundação... Concepção...

... e a lenda fúlgere prossegue: nasce Perseu e o Rei,
irado, Danae e o filho atira ao mar... As Undas levam os rene-
gados a terras outras do sem-fim, aonde se salvam e são feli-
zes e vivem muito até que, um dia, os vaticínios do adivinho se
cumpram em fórmulas fatais...

A história mítica de Danae define símbolos morais.
Transportam as ânsias dos milênios, esquemam lúgubres
designios rememorados na consciência do fabulário emocio-
nal.

Danae reclusa e a chuva de ouro!...

Danae passiva em doce oferenda de amor aos deuses
vontadosos, para que, assim, de suas entranhas, surjam ou-
tros deuses protetores, ou nasçam ídolos e heróis.

IV

Seiva do céu é a chuva de ouro em solo virgem, fecun-
dante, gerando as safras milagrosas...

Pluviátel bênção aurifulgente, que acorda os gênios e
inspira os poetas, na enunciação da voz de Deus...

A chuva de ouro e a emanação da graça lírica do amor,
essenciado de poesia, na ingênua lenda original...

Danae é o símbolo do amor na emanação da poesia...

Dai chuvas de ouro a Danaes outras, na tôrre altíssima
dos sonhos, - e eis triunfal o ardil dos homens na trama poéti-
ca das lendas, que se renovam pelos tempos e multiplicam-se
no mundo, em tempestades hibenais de trovas, crônicas e
cânticos de amor, de sonho e poesia...

BASTOS LIRA: Uma vida dedicada à Amazônia

* Por E. Colares e Valdomiro Tavares

Do alto dos seus 79 anos, dos quais 25 dedicados à Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Amazonas, onde teve como alunos Marcus Barros, Frederico Arruda, José Dutra, Alcida Gadelha, dentre outros, o professor Manoel Bastos Lira mantém-se ativo e estudioso na área de Ciência Farmacêutica.

Filho de Espanhol com amazonense, Bastos Lira cursou o primário e o secundário no Colégio Dom Bosco desde o ano de sua fundação (1921), e graduou-se pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Manaus, em 1934. Obteve, também, o diploma de Químico Industrial, pela Escola Agrônômica de Manaus.

O "Professor Lira", como costuma ser chamado, teve publicados, até 1990, 450 artigos nos jornais locais, com abrangência de assuntos que vão desde o tratamento da cárie dentária até a construção da bomba atômica, passando pela conservação de alimentos e a ectoconcepção, além de muitos outros assuntos que ainda escreve para jornais e revistas científicas.

Membro de várias associações e institutos científicos, inclusive da Academia Amazonense de Letras, o professor Lira é poliglota e atualmente dirige o laboratório de bioquímica M. B. Lira. Prepara-se para em março deste ano receber solenemente o título de Professor Emérito pela Universidade do Amazonas.

P - O Sr. já recebeu algumas homenagens no Brasil e até no exterior pelos seus trabalhos realizados. Como se sente recebendo mais esta homenagem?

BL - Eu, realmente fiz um trabalho para a elevação científica da nossa terra, o Amazonas, não com a finalidade de receber homenagens, é lógico. As homenagens que tenho recebido, e que me satisfazem muito, é a presença destes alunos nas faculdades que eu montei e que estão aí, médicos, farmacêuticos, odontólogos e enfermeiros. Isso é o que me satisfaz! Tudo aquilo que pensei e fiz realmente era necessário à nossa terra e está dando os resultados previstos.

P - Em 1965, o sr. foi convidado pelo então reitor Jauary de Souza Marinho, para fundar a Faculdade de Medicina, Farmácia e Odontologia. Quais foram as maiores dificuldades para implantar essa faculdade?



Manoel Bastos Lira diz que idade não é argumento para a ociosidade.

BL - As dificuldades são sempre as mesmas, os profissionais das referidas áreas relutando ter novos colegas e conseqüentemente concorrentes. Me lembro que fui chamado de energúmeno! Essa é a minha melhor medalha! Um energúmeno que fez tudo isso, então não o era. Deviam ser os que me chamavam.

Uma outra dificuldade era que Jauary tinha dois anos de mandato e em dois anos o MEC não queria mais isso. Começamos a fazer, mas não foi fácil. O primeiro médico chamado para dirigir a Faculdade de Medicina renunciou às vésperas de ser nomeado. Tivemos, então, que arranjar um outro e conseguimos o Dr. Mário Augusto Pinto de Moraes, que trabalhava comigo. Ele foi o primeiro diretor da Faculdade de Medicina.

Na de Odontologia ocorreram fatos não semelhantes, mas também prejudiciais, porque os dentistas que existiam e seriam os nomeados não tinham os papéis nomeados no MEC. Na véspera da nomeação, sugeriu-se juntar as duas faculdades e ficou por isso, Farmácia e Odontologia.

P - A história do curso de Farmácia da Universidade do Amazonas confunde-se com a história do professor Bastos Lira?

BL - A segunda fase sim

P - Quer dizer então que existiu uma primeira?

BL Existiu. A Escola Universitária Livre de Manaus, em 1909, que tinha os cursos de Economia, Engenharia, Direito, Letras e de Medicina. E dentro do curso Medicina existiam os cursos de Farmácia, Odontologia e um de parteira. Foi a primeira universidade do Brasil. O primeiro curso da área de Medicina a ser montado foi justamente o curso de Farmácia, que também deu o primeiros profissionais da área.

P - O sr. foi diretor do curso de Farmácia durante 25 anos. Quais os maiores problemas que teve nesse período?

BL - No começo foi falta de gente para ensinar. Os primeiros professores, eu, Mário Moraes e o Afonso Nina dávamos aula no que na época era o grupo escolar Plácido Serrano, onde hoje é a Biblioteca Central da UA. Outras dificuldades foram falta de dinheiro e espaço físico. Para resolver estes problemas admitimos os excedentes de outras universidades e pagamos as taxas de inscrição. Utilizamos o dinheiro para fazer esses prédios que estão aí, Alfredo da Mata e Araújo Lima, que na época eram dois bangalôs, em um deles instalamos a Faculdade de Medicina (que mais tarde ficou conhecido como "tio patinhas" por termos pago o dinheiro das taxas para construir) e no outro Farmácia e Odontologia.

P - O sr. foi auxiliar e colaborador do doutor Haroldo Thomas. O que significou isto para a sua carreira?

BL - Eu aprendi com ele as técnicas e práticas de laboratório, os idiomas inglês e alemão. Ele sempre me dizia que só com o português eu não iria comprar nem um bombom em ciências. O dr. Thomas tinha um grande conhecimento na área de medicina tropical. Ele recebeu ensinamentos do descobridor do bacilo da tuberculose, o dr. Robert Koch.

P - Sendo sócio fundador e vitalício da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, como o sr. vê o campo das pesquisas científicas realizadas no Brasil?

BL - Nós estamos ainda até hoje - como poderia dizer, - engatinhando, porque o estudo do desenvolvimento científico é um fator que exige não só produto humano, mas também muito dinheiro e dedicação. Os materiais empregados custam caro e são produzidos por certas firmas localizadas principalmente na Alemanha. Tudo isso exige muita despesa. Talvez seja isso a causa da redução das pesquisas científicas no Brasil.

P - O sr. foi também farmacêutico chefe da Santa Casa de Misericórdia. Quem o convidou?

BL - Fui o provedor de então, porque não tinha farmacêutico e era necessário. Naquele tempo se faziam remédios lá mesmo. Fiz inclusive um formulário depois vieram as multinacionais dando propinas e o pessoal foi deixando de comprar os nossos produtos e então deixamos de fazê-los.

P - Entre as muitas coisas de que o sr. tomou parte está a instalação do Inpa, em 1965. Como isso aconteceu?

BL - O Inpa foi criado após uma reunião da Hileia (hoje Pacto Amazônico). O almirante Álvaro Alberto trouxe do Rio e São Paulo cinco pessoas e era o único do Amazonas, tanto e que eu perguntei depois como ele tinha escolhido o meu nome, já que eu não o conhecia, mas tinha conhecimento de que ele era professor de micro biologia. Ele me disse que eu era conhecido lá no Sul e Sudeste do país, e nessa conversa criamos o Inpa.

P - Como começou sua carreira de professor?

BL - Tudo teve início com o padre Ghislandi, que era meu amigo e ministrava a disciplina história natural no Colégio Dom Bosco. Ao ser transferido para o Estado da Bahia, me chamou e disse que eu iria lecionar no seu lugar. Fiquei muito surpreso e achava que não teria condição. Ele me respondeu "eu sei que você sabe, é responsável e vai assumir". Foi aberta aí a porta da confiança! Ele me impôs esta condição e eu continuo até hoje. Isto ocorreu em 1932.

P - A maioria de seus trabalhos publicados trata de aspectos da região amazônica. O sr. parece gostar de viver aqui nesta região.

BL - Se eu disser o contrário, estou mentindo. Se quisesse não estaria aqui, pois foram muitos os convites que recebi para morar em outros lugares, mas eu gosto de estar aqui porque estou prestando serviço à coletividade onde eu nasci, e isto é muito importante para mim.

P - Qual a sua opinião como farmacêutico a respeito do remédio?

BL - Os primeiros momentos da atividade farmacêutica foram sempre coletando plantas e foi assim que se tratou as diversas moléstias. Não só aqui, mas em todas as partes. De modo que voltar a eles não significa uma nova forma de vida, mas utilizar o que se utilizava antigamente.

Por que as multinacionais de remédios empregam, por exemplo, a pilocarpina? A Merck tem plantação no Maranhão e leva para suas fábricas, depois revende em outra forma.

P - Além de farmacêutico e bioquímico, o sr. é jornalista. Como foi seu trabalho na área de jornalismo?

BL - Fiz jornais e revistas do Atlético Rio Negro Clube, com o qual minha família tem ligação. Fiz serviço de tradução das mensagens que chegavam via telégrafo que eram todas em inglês ou alemão. Eu traduzia e os jornais da época publicavam.

Entre os fundadores do Rio Negro está um primo nosso, Ascendino Bastos. Meu pai foi um dos diretores, meu tio foi diretor, Maria Ascensão Bastos foi diretora. Enfim, toda a minha família está dentro do Atlético Rio Negro, assim como estávamos dentro da fotografia.

P - O seu pai teve o primeiro ateliê fotográfico do Estado do Amazonas. Como foi esta fase da sua vida?

BL - Meu pai, Manoel Lira foi o primeiro fotógrafo de Manaus. Ele começou a fotografar numa fase em que o fotógrafo deveria fazer o seu material, suas chapas negativas, seu papel positivo. Ele era uma pessoa que manejava esta química prática. Uma prova disto são as fotografias tiradas por ele há mais de cem anos, e que estão em perfeito estado de conservação.

Entrevista Transcrita do Jornal do Comércio, Edição 22/01/93.

Presépio

Max Carpentier

*...E Te revejo límpido de infância
na estalagem sonhada pela estrela:
os Magos e pastores, mirra e palha
tremeluzem, se elevam no ar de prece.
Harpas em salmo, sobre o teto frágil,
são presságios de amor ao luar dessa
única noite que não morre, e brilha
no coração eterno dos humildes.
Na vigília serena de Teu berço,
um jegue ganha dimensão de arcanjo
e o rosto da Mulher se transfigura.
Pelos caminhos, cândidas ovelhas
se aconchegam na relva, e a paz da lua
cobre a face vencida dos abismos...*

RETROSPECTO

No presente momento há uma revoada de bruxas soltas pelos céus do Brasil, fazendo lembrar o trecho final do "O Último Adeus de Sherlock Holmes", de Conan Doyle, quando o genial detetive, após solucionar com êxito uma intriga internacional, às vésperas de Primeira Guerra, olha para os lados da Alemanha e diz, pensativo ao Dr. Watson: "Está-se aproximando um vendaval do Leste, Watson". Ingênuo, responde-lhe o amigo: "Não creio, Holmes. Faz muito calor". E Sherlock, compreensivo, acrescenta: "Meu velho Watson!. Você é único ponto imutável numa era de transformação. De qualquer maneira, levanta-se um vendaval vindo do Leste, vendaval como nunca soprou sobre a Inglaterra."

No Brasil de 1930 já soprou um vento saneador como o de agora, fortíssimo, vindo do Sul. Na década anterior acataram-se as regras estabelecidas do jogo político, prosseguindo o chamado "Café com Leite", isto é, elegiam-se sucessivamente Presidentes da República indicados por São Paulo, a terra do café, e por Minas Gerais, o Estado dos rebanhos leiteiros, um depois do outro, sem alterações. Em seguida ao mineiro Arthur Bernardes, que governou todo o seu período sob estado-de-sítio, foi a vez de Washington Luiz Pereira de Souza, que, embora de Macaé, no Estado do Rio, estabeleceu-se em São Paulo e deixara de governá-lo.

Era um tempo de velhacarias políticas notórias, de adulteração de Atas eleitorais, tempo do voto aberto, dito "de cabresto", nos conhecidos "currais" dominados por chefes implacáveis e muitas vezes violentos; Governo, era certo, não perdia eleições. Diga-se, entretanto, a bem da verdade, que havia uma indispensável compostura e a pior pecha possível era a de ladrão. Roubar seria uma vulgaridade imperdoável, com a pena de execração pública, e as desonestidades limitavam-se ao campo da politicagem.

Washington Luiz era uma bela figura humana, culto, elegante, digno, com seus bigodes e cavanhaque, um conservador de inatacável probidade. Mas era seco, duro, de trato difícil, formal e arrogante. E essa arrogância, sobretudo, o isolou e perdeu.

Quando esteve em Manaus, como Presidente eleito, ofereceu passagem constrangedora: engalanara-se a cidade para festejá-lo e o Governador Ephigênio Salles, num banquete solene no Teatro Amazonas, saudou-o em nome do nosso Estado e fez uma síntese da crise que

atravessávamos e para cuja superação era esperado o auxílio do futuro mandatário do País. Washington replicou não ter ido para ouvir lamúrias e sim, saber com o que poderia contar o Governo da União. Foi uma decepção completa. Já de início, sua plataforma eleitoral fora apenas a invocação de um passado de severidade e de sua própria personalidade. Definiu-a o Deputado Octavio Mangabeira, ao lançar-lhe o nome na convenção do partido, o P.R.P.: "Vosso programa sois vós!"

Gilberto Amado, que com ele privou, dá-nos valioso depoimento num dos seus livros de memória ("Depois da Política"); era tão patente a sua indiferença pela opinião alheia que até fisicamente a revelava. Assim que alguém começava a manifestar-se, a avançar qualquer ponderação, abanava logo a cabeça, como para afastar mosquito. E logo adiante: "Qualquer que fosse a natureza do assunto, desde que não quadrasse com seu próprio modo modo de ver, merecia-lhe total e definitiva repulsa".

E com isso foi nascendo e crescendo, em todo o Brasil, uma espécie de cansaço de revolta e antagonismo àquele homem que se considerava o dono exclusivo da verdade. Seu Vice, Fernando de Mello Vianna, afastara-se para disputar a governança mineira, tendo perdido para Olegário Maciel.

Após retardar ao máximo o problema de sua sucessão, Washington, em vez de aceitar, como previsto, a indicação de Antonio Carlos Ribeiro de Andrade por Minas, num gesto de birra e demonstrando a ojeriza que nutria pelo descendente do Patriarca da Independência, apóia o nome de Júlio Prestes, então governador do seu Estado, para sucedê-lo, com a promessa elitista, pura e simples de continuar a obra e o destino do Presidente que o patrocinava. A coisa ficou mais traumática e acabou ensejando a candidatura, pela oposição, do Governador do Rio Grande do sul, Getúlio Vargas, ex-Ministro da Fazenda do próprio Washington. A Getúlio logo acudiram as adesões de Minas e de vários outros estados.

Sem os recursos da mídia moderna, praticamente sem qualquer possibilidade de transmissões rápidas, da comunicação direta a população brasileira deu soberba mostra de unanimidade de sua opinião durante toda a campanha eleitoral de 1930, ao aclamar delirantemente o candidato opositor. Onde passasse para divulgar sua plataforma, Getúlio era recebido apoteoticamente, num verdadei-

ro delírio popular. Especialmente em São Paulo, reduto do seu adversário, Vargas viu as alas de transeuntes resolverem seguir e mesmo empurrar seu carro, engrossando o caudal humano em cada rua, até transformar-se em multidão impressionante, a maior jamais reunida na Capital paulista. Era a resposta espontânea do povo à insensibilidade e ao elitismo patriarcal de Washington Luiz.

Fere-se o pleito e, fartamente fraudadas as apurações, o resultado oficialmente proclamado é de um milhão de votos para Prestes e setecentos mil para Vargas. De Norte a Sul a repulsa foi feroz a tal resultado. Os cabeças do movimento renovador (João Alberto, Siqueira Campos e outros, no Rio; Juracy Magalhães, Juarez Távora, no nordeste; Oswaldo Aranha, Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura, Flores da Cunha, Baptista Luzardo, no Sul; e Antônio Carlos e muitas outras "raposas" de Minas, pensaram prontamente numa reação armada, mas foram dissuadidos pela prudência e pela autoridade do velho Borges de Medeiros, líder gaúcho incontestado já havia mais de meio século.

A custo serenaram os ânimos, quando, numa viagem de caráter particular a Recife, é ali assassinado a tiros, num bar, o governador da Paraíba, João Pessoa, sobrinho do ex-Presidente Epitácio e que acabara de concorrer como Vice na chapa de Getúlio. Reacendeu-se o estopim, num clima extremamente passional. Reagrupam-se as forças da Aliança Liberal, formam-se logo tropas armadas e estava em curso a revolução, iniciada a 3 de outubro, em Porto Alegre.

Getúlio veste um uniforme de campanha e, cercado de militares, parte de trem a caminho do Rio de Janeiro. Avança com uns poucos entreveros e pequena resistência armada - ao contrário, recebendo aclamações populares civis por onde passava. No nordeste a situação fora dominada por seus correligionários. O movimento não foi incruento, no entanto resultou em vitória completa.

Washington, mesmo ante a fúria popular, ainda dispunha de certa base no Congresso e nas classes conservadoras, o que pouco lhe valeu. E apenas nos últimos momentos deu-se conta da realidade. Residia no Palácio Guanabara e, durante os dias, despachava no Catete. Na véspera de sua deposição, isto é, no dia 23 de outubro, desconfiou de que informações e indícios que lhe eram transmitidos poderiam talvez ser verdadeiros. Chamou seu Ajudante-de-Ordens, pediu

um revólver e passou usá-lo. Em seu redor, fóra do Palácio, medidas de emergências eram tomadas. Os chefes militares decidiram eles mesmos os problemas e preferiram receber amistosamente os revoltosos, já com os resultados concretos. Assim, no dia 24, constituiu-se uma Junta Governativa composta pelos Generais Tasso Fragoso e Mena Barreto e pelo Almirante Isaias de Noronha. Nessa manhã mesma, vários jornais situacionistas foram empastelados e alguns incendiados no Rio. Tropas e povo confraternizaram nas ruas, a Polícia preferiu omitir-se e o Guanabara foi cercado por compacta multidão, à qual passou a dirigir a palavra o tribuno Maurício de Lacerda.

Dentro do prédio (antiga residência da Princesa Isabel e do Conde D'Eu), depois de conseguirem ser retiradas a esposa e filha do Presidente, este reuniu-se no salão de despachos com seus Ministros, seus dois filhos e alguns amigos. Há, a respeito, depoimentos escritos de Cícero Marques e de Tasso Fragoso, ambos testemunhas oculares, narrando os detalhes. A uma sugestão que lhe foi feita, Washington, obstinado, declarou: "Eu não renuncio! Só aos pedaços sairei daqui". A turba, enfurecida, ameaçava a cada instante galgar as escadarias, apenas contida pelas ponderações e pela energia de alguns oficiais. O Palácio do Catete já fora ocupado pelas forças leais à Junta. No Guanabara, sentinelas apontando para dentro, postaram-se às portas do salão. O General Tasso Fragoso, adiantando-se até a três passos do Presidente, com respeito formal a este dirigiu, em nome da Junta Governativa, apelo a que renunciasse para evitar derramamento de sangue. Impassível, com voz firme, Washington respondeu-lhe que, naquele momento, o que mais desprezava era a própria vida e repetiu: "Eu não renuncio!"

Numa última tentativa, a Junta pediu a intervenção urgente do Cardeal Arcebispo D. Sebastião Leme, que veio incontinentemente ao local, isolou-se com Washington e conseguiu, na derradeira hora, demovê-lo. Em vez de abrigá-lo, como desejava, no Palácio Arcebispal, D. Leme, por sugestão de Tasso Fragoso e em companhia deste, acompanhou o ex-Presidente, de carro, ao Forte de Copacabana, ao qual o recolheram por motivo de segurança e de onde, dia 26, recebeu salvo-conduto para viajar com destino ao exterior.

Muito digno, Washington Luiz viveu muitos anos no exílio, na França e em Portugal, principalmente em Paris e, já em idade propecta, após a primeira saída do governo de Getúlio - conforme prometera -, retornou ao Brasil. Conta Gilberto Amado tê-lo encontrado em Nova York - continuava elegante, superior e cheio da mesma arrogância.

Para sua deposição a vontade popular foi um elemento decisivo e soberano. E sua saída, evidenciando a força do povo, abriu uma nova era, a era Vargas.

Conan Doyle tinha razão - há cataclismos que os Watson da vida não conseguem pressentir...

Manhã:

*Escrevo ouvindo o canto da coruja
no instante em que as estrelas se despedem*

*levando a noite. A luz da antemanhã,
que aqui já nasce verde, invade ienta
este espaço de pássaros felizes
e de crianças que sabem ler as nuvens.
A noite entrou nas abas.*

Todavia

*uma treva persiste em pleno dia
e, espessa, morde a luz. Cresço de espanto:*

*a coruja não pára de cantar;
afrita, ela me conta: a escuridão
que ameaça a graça e a glória de viver
e espalha pêlos sobre o olhar dos homens*

*é vinda do planalto mais central
onde o farol feito para indicar
o caminho do povo se apagou
e dele sai um jorro de mau cheiro
que mancha de vergonha a alma da pátria.*

Tarde:

*Escrevo escondido do olhar da coruja.
Morro de medo de que ela me veja
lá da palmeira das suas alturas
e descubra, só pelo movimento
da minha mão, o que é estou dizendo,
o que terrivelmente estou sentindo.*

*Medo maior: que a moça adormecida
a meu lado, saiba que estou morrendo
de medo da verdade e que me assombro
de mim mesmo e sentir que no meu peito
eu que esmeraldas reparti de amor,
que no escuro cantei certo da aurora -
a esperança é uma brasa que agoniza.*

Noite:

*A coruja me conhece,
os seus olhos me encorajam:
que a vergonha do sol negro
no meu sangue não se ponha.
É quando ouço que ela chama
o gavião, um lindo amigo
da casa, come pertinho
de mim, junto com pipiras,
o tucano e o rouxinol,
sementes de inajazeira
espalhadas pelo chão.*

*Vai, gavião, diz a coruja,
vai dar um fim nessa noite
escancarada que traga
os dons sagrados da vida.
Vai, gavião, afia o bico
no milagre do arco-íris
e bica, bica bem fundo
o riso dos malfeteiros,
riso de perversas cores,*

*que zomba de quem tem fome
e desdenha dos que guardam
a fé no justo combate.
Leva nas asas do vento
que sabe o sonho dos homens
e pelos ares espalha
as roupas da iniquidade,
para todo mundo ver,
de corpo nu, a feiúra
das entranhas do poder.
Vai, gavião de Barreirinha,
confia nas tuas garras,
vai e rasga, de alto e baixo,
as cínicas vestiduras
que se arrastam, degradadas,
sobre a cruz de Lúcio Costa.*

*Vai, mas de cada cidade
brasileira, traz um ramo
verde da voz que se alteia
no penhor da liberdade.*

Alvorada:

*Coruja, vai tu também,
deixa o teu pouso de sombra.
O teu canto tenebroso
avisa do que vai vir.
Coruja, troca o teu canto da floresta
e te acrescenta ao coral
do povo livre das ruas,
anunciando teu reinado
dos escárneo vai ter seu fim.
E faz nossa a voz de um homem
que se fez estrela-guia
(todo um povo dentro dele)
a flama do olhar cantando
longe vá temor servil,
dizendo, por ti e por mim,
que o seu patrão é o Brasil.*

*Olhando a força do rio
(que não cessa de passar
para poder ser o mesmo)
eu fico de prontidão.
Os meus pássaros regressam.
O gavião diz que um estrondo
estremeceu a nação
pela noite embandeirada.
A coruja (afeita a ver
o que cresce das penumbras)
volta e canta cuidadosa.
O brado foi retumbante,
mas ainda há turvos silêncios
em que se esgueira a traição.*

*Há porões cheios de lodo,
cabelos entopem ralos,
têm fôlegos os resíduos.
Haja luz para lavar
as manchas desiludidas
sobre o lábaro estrelado.
Haja amor para plantar
no chão que vai refflorir.*

*E enquanto sobe das águas
o fulgor de um novo sol,
escuto o galo cantar.*

PROFISSÃO DE FÉ

José Chevalier

Aqueles que se afeiçoam à literatura castelhana hão de ter lido, certamente, a apóstrofe rimada de Rubén Darío ao referir-se em tom desabrido à mentalidade ociosa desses silogeus acadêmicos, importados da Europa para o nosso Continente, cuja ação, quase sempre inócua, se circunscreve ao vêso tradicional de perpetrar 'boutades' e ironias joviais pela senda torturosa da ne-nia dissaborida ao acadêmico desaparecido, ao mesmo tempo que flameja o cantico louvaminheiro ao novo corifeu que se "imortaliza".

O genial autor da "Marcha Triunfal" refreava em magnífico poema:

"De las Académias líbranos, señor".

Longe de nós a irreverência do vate; mesmo porque fica muito bem ao espírito brasileiro amar tudo da famosa Lutecia, de onde herdamos não só o templo de arte, que nos recorda a côrte faustosa de Maria Antonieta, assim também esse pendor pelos cenáculos de letras, espalhados por aí além. Da outrora Cidade-Luz transplantara-se até, como feição característica para decidir da nossa inclinação pelas cousas importadas da Calia, aquele acervo de anedotas de espírito, referente a acadêmicos, tal a de Alexis Piron, tantas veses citadas, a qual consistia no desejo de possuir o poeta, depois da morte, este epitáfio:

"Ci git, Alexis Piron
qui dans sa vie ne fut rien

pas mème academicien".

Entre nós, na Academia Brasileira, um dos mais refratários ao fardão - sr. João Ribeiro, apesar de nunca ter, em vida, envergado a casaca doirada, certa vez, achara elegante a vestimenta, afirmando, segundo refere ao talento do filho - o escritor Joaquim Ribeiro, - já não compreender um acadêmico sem o ridículo daquela indumentaria.

O Novo Mundo, porém, possui o condão propiciatório de transformar as cousas antiquadas em forças vivas, reveladoras de dinamismo, com o sentido moderno que lhe atribuem os pensadores germânicos.

Nada de apatia; nada de estagnação no século vinbracionista da técnica.

A Academia Amazonense já tem proclamado pela bôca dos seus mais conspícuos luminares que não deseja ser um viveiro de "imortais" inativos, nem pretende ser um centro fadado somente a consagrações acadêmicas.

E' escôpo primacial do cenáculo amazônico fazer valer lá fora as nossas tendências artísticas, os nossos padrões culturais.

Prontos para a pugna, procuramos, no estudo eficiente, reviver o passado glorioso das nossas letras, em comunhão espiritual com as demais instituições do país, fazendo que as palavras de Alves de Souza no "Clarão Remoto" tenham o verdadeiro cunho oracular.

Orientados pelo pensamento moderno, pretendemos apagar a desoladora impressão que causa lá fora, a gente culta, um Amazonas visto através das lentes esfumadas de escritores inescrupulosos.

Como acentua bem o consagrado beletista, muitos dos companheiros, seguindo a esteira luminosa de Benjamin Lima, emigraram para a Metrópole, projetando ali novos clarões de levantada cultura, em aprimorado coeficiente de valores mentais.

Os que ficaram continuam na mesma faina: reagir contra o indiferentismo mesológico; contra a inveja surda, manifestada pelo silêncio dos que guardam ainda no cérebro apoucado a idéia estulta de transformar a diluvilândia num "far west" turbilhonante, de crimes hediondos, animais repelentes e miasmas deletérios...

Os restantes falangários permanecem na estacada; soberanamente abeberados às castalias de cultura séria, em ambiente superior, numa atitude serena a contrastar admiravelmente com a dos eunucos maldizentos da literatura funambulesca.

Esta a nossa profissão de fé.

Não há systematização orthographica nos trabalhos insertos neste número da REVISTA, tendo sido observada a graphia dos respectivos autores. Na materia redaccional, procurou-se, comtudo, manter a possível uniformidade.

